

[BELEZA E COMPETÊNCIA]



Policiais ...por vocação Aviadoras ...pela paixão

Mulheres na Aviação de Segurança Pública do Brasil

Roberto Caiafa

Desde os seus primórdios, a aviação teve a efetiva participação da mulher escrevendo páginas da história aeronáutica de vários países. No Brasil, após seus voos solo no dia 17 de março de 1922, Tereza de Marzo e Anésia Pinheiro Machado dividiram entre si a glória de serem as pioneiras aviadoras em uma época onde o sexo feminino sequer tinha direito ao voto. Logo depois, veio Ada Rogato que também deixou marcas inesquecíveis pelos ares. Esta dedicação, paixão, determinação e bravura abriram as portas para um mundo até então desconhecido, resultando hoje em um grande número de aviadores gratas por toda a audácia daquelas desbravadoras.

Na atualidade, as brasileiras estão nas cabines de comando de aviões e helicópteros de companhias aéreas, forças militares e de segurança, ou nos serviços especializados espalhados por todo o Brasil. As mulheres pilotos da Aviação de Segurança Pública precisam possuir muita determinação para superar obstáculos típicos do mundo feminino como o preconceito, o assédio, a jornada dupla, etc. Cada uma delas pode se considerar uma vencedora simplesmente

porque tem como objetivo voar um helicóptero. Essas mulheres fazem o que muitos determinam como impossível para elas. Ao entender mais sobre seus ofícios, percebe-se que são mães, mulheres e pilotos, com seus problemas e anseios, destacando-se por fazerem o que gostam. Não querem provar nada para os homens, mas coexistir em igualdade plena. E ainda falta muito para que as mulheres alcancem uma condição mais igualitária na aviação. No caso da aviação de asas rotativas, os números mais recentes, apurados no início de 2015 pela Associação Brasileira de Pilotos de Helicópteros (ABRAPHE), mostram que apenas 94 mulheres pilotam helicópteros num total de 3.365 pilotos, ou cerca de 4%. A paulista Márcia Gallucci foi a primeira a obter uma licença PPH/PCH no Brasil, no início dos anos de 1980, e está em plena atividade pilotando máquinas da categoria *off-shore* (envolvendo longos trechos de voo sobre alto mar) na indústria de óleo e gás como 1º oficial em comando.

T&D-Segurança, mostra em suas páginas um pouco da história de algumas dessas brasileiras que tornaram-se policiais por vocação e aviadoras pela paixão.



SÃO PAULO: TENENTES PM Lara Caroline Palhiare Duarte e Mayara Roberto Mieko



Quando a primeiro-tenente PM Lara Carolina Palhiari Duarte comunicou a seus pais a decisão de tornar-se uma oficial da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), esses espantaram-se com a escolha da filha, já que não havia o precedente familiar como exemplo. A paulistana Lara conheceu a Academia da Polícia Militar do Barro Branco (APM-BB) em 2003, aos 18 anos, em uma palestra para estudantes. Interessou-se pela carreira, foi a mais uma palestra e decidiu estudar e condicionar-se fisicamente para prestar o concurso. Lara passou nas provas, testes e exames, entrando para a Academia em 2004.

Um dos sonhos de infância da jovem era ser aviadora. Foi no Barro Branco que ela conheceu o Grupamento de Rádio Patrulha Aérea (GRPAe) "João Negrão", a prestigiosa unidade de Aviação de Segurança Pública reconhecida internacionalmente e a maior do País.

Ainda na Academia, a cadete começou a se preparar para o concurso interno de ingresso no GRPAe. Formada e declarada aspirante-a-oficial em 2007, prestou a prova pela primeira vez em 2011

mas não teve sucesso. Ela não desistiu e tentou novamente no ano seguinte, quando foi aceita. Hoje, aos 30 anos, é a primeira mulher a pilotar um helicóptero "Águia". Para ela.. "o trabalho na polícia é uma doação, resposta a uma vocação para ajudar as pessoas. O desafio que as mulheres enfrentam na carreira policial é o mesmo de toda profissional com uma dupla ou tripla jornada de trabalho, afinal, temos de ser mãe, esposa e ainda administrar o lar".

Formada no próprio GRPAe, Lara teve seus passos seguidos de perto pela tenente Mayara Roberto Mieko Tanaka de Moraes, que saiu de Presidente Venceslau, no interior de São Paulo, para assumir os comandos dos helicópteros "Águias". Formada na Academia em 2008, a militar atuou no policiamento por cinco anos antes de conseguir ingressar na unidade aérea. Seu contato com a unidade deu-se como estagiária, ainda na Academia, e foi ali que a futura piloto decidiu investir seus estudos para atender a vocação de voar e servir. As duas oficiais enfatizam que responsabilidade de servir no GRPAe é igual para homens e mulheres, o profissionalismo e a capacidade técnica das equipes norteando o excelente relacionamento entre todos os integrantes da unidade.



Divididos entre a Polícia Militar, a Polícia Civil e o Corpo de Bombeiros Militar, os helicópteros e aviões da Aviação de Segurança Pública mineira também tem em seus controles mãos femininas. O Comando de Radiopatrulhamento Aéreo (CORPAer), criado em 1987, teve de trilhar um longo caminho até converter-se no Batalhão de Radiopatrulhamento Aéreo, a quem cabe o gerenciamento das aeronaves

operadas pela Polícia Militar. Próximo de completar três décadas de operações, o Batalhão alinha em seus quadros policiais femininas habilitadas como piloto de helicóptero na base de Belo Horizonte, no aeroporto da Pampulha, ponto estratégico da cidade pela sua localização central.

A tenente Denísia Ferreira Oliveira Souza, natural de Entre Rios de Minas, é uma dessas policiais que não desiste nunca, como ela mesmo gosta de dizer. Quando completou 18 anos, mudou-se para a capital com o firme propósito de ingressar na Polícia Militar, por meio do Curso de Formação de Oficiais (CFO). Prestou concurso e foi aprovada, indo servir no 38º Batalhão, em São João Del-Rei, onde ficou por dois anos e meio trabalhando no policiamento. Em agosto de 2009, fez novo concurso, dessa vez para ingressar no CORPAer, onde novamente obteve êxito.

Ela contou para a reportagem: "... o meu sonho sempre foi ser piloto e não iria desistir por nada desse mundo". Passando por todas as provas elaboradas pela Agência Nacional de Aviação Civil, quando então fez o curso de Comandante de Operações Aéreas, formou-se, em novembro de 2009, como piloto privado de helicóptero (PPH). Após um curto período ausente, atendendo às movimentações de carreira, a oficial retornou ao Batalhão de Radiopatrulhamento Aéreo para receber instrução em asas fixas (a unidade opera um turboélice bimotor King Air), tornando-se assim a primeira mulher piloto de asas fixas e rotativas na Aviação de Segurança Pública mineira. A tenente concorre normalmente à escala de voo dos helicópteros Pégasus baseados na Pampulha. Quando a reportagem esteve no Batalhão para tomar seu depoimento, encontrou a tenente no hangar, em frente a um helicóptero modelo Esquilo, proferindo palestra sobre o trabalho e seu dia a dia para jovens estudantes membros de um clube de fotógrafos de aviação. Entre tantas atribuições e responsabilidades, a jovem oficial ainda encontra tempo para participar de atividades de caráter cívico, pois segundo ela "... as crianças e jovens escolhem suas opções de futuro na vida através dos exemplos que elas podem comparar e, como militar, faz parte das atribuições do bom policial zelar pela formação das crianças nas comunidades onde atua. Receber essa turma no Batalhão, contar a eles sobre o que fazemos aqui e mostrar que é possível vestir o macacão de voo, especialmente no caso das meninas, é muito gratificante e recompensador".

Naquela data festiva, em novembro de 2009, na cerimônia de gala no hangar do Batalhão, também recebia suas asas de PPH a hoje capitão bombeiro militar Karla Lessa, comandante de aeronave. Sua

história na aviação começou aos 18 anos de idade, quando era aluna do Colégio Militar. Cadetes da Academia da Polícia Militar visitaram o colégio para falar sobre a formação de oficiais policiais e bombeiros militares. No mesmo ano Karla prestou vestibular na Universidade Federal de Minas Gerais e no concurso de formação de oficiais (CFO CBMMG), sendo aprovada em ambos, optando pela formação de bombeiro.

Segundo a capitão, a escolha pela atividade aérea deveu-se à possibilidade de desenvolvimento de outros tipos de percepções, pelo prazer de voar e de estar mais próximo da atividade operacional, pois com a evolução da carreira, o oficial tende a ser empregado mais em cargos burocráticos. "Sinto-me privilegiada em fazer parte de uma corporação com homens e mulheres tão valorosos. É gratificante ver a admiração no olhar das pessoas, ser exaltada por um salvamento executado, servir de exemplo para várias crianças e mulheres. Isso não há dinheiro que pague. Com relação ao convívio com os colegas de trabalho, na maioria homens, não vejo problemas. Desempenho as funções a mim atribuídas de forma semelhante a qualquer outro oficial que esteja na mesma posição. Sou respeitada pelos pares, superiores e subordinados independentemente do meu sexo. Isso não significa que esteja isenta de algumas brincadeiras de fundo machista, o que encaro com certa naturalidade considerando a história sócio cultural da comunidade em que estamos inseridos. Por outro lado, tal situação serve de estímulo na busca pela superação, incentivando-me a prestar ainda mais um serviço de qualidade".

Roberto Catalá



MINAS GERAIS: CAPITÃO BM Karla Lessa (à direita) e a tenente PM Denísia Ferreira Oliveira Souza (à esquerda)

Com a conclusão do treinamento e o ganho em experiência, Karla começou a atender as ocorrências em tensoos voos reais quando, inclusive, viu-se socorrendo seus próprios colegas do Batalhão de Operações Aéreas. "Após eu me formar e começar a voar, diversas experiências marcantes já aconteceram comigo, como o atendimento a militares da minha própria unidade, envolvidos em um acidente automobilístico grave, em abril de 2013, durante deslocamento com o nosso caminhão de combustível em missão para reabastecimento do "Arcanjo" no Sul de Minas. Mais recentemente, já como comandante de aeronave, houve o atendimento a uma criança atropelada, em estado grave, trazida de Patos de Minas para Belo Horizonte. O que me chamou a atenção foi o grande envolvimento e desdobramento da equipe médica local, garantindo a sobrevivência do paciente, aliada à atuação destacada da equipe médica do Arcanjo 04, que realizou a estabilização do menino durante o transporte até a entrega no Hospital João XXIII. A ação abnegada de diversos profissionais, somada ao transporte rápido, fez a diferença na vida dessa criança e de seu núcleo familiar como um todo".

Segundo a capitã Karla, a mulher que deseja seguir a carreira de bombeiro militar deve se preparar fisicamente e intelectualmente pois é uma profissão muito concorrida que exige um certo desprendimento da pessoa, mas gratificante pelo reconhecimento positivo junto a sociedade. " No Estado de Minas Gerais o militar é razoavelmente renumerado e possui um plano de carreira bem delineado, tem oportunidades de aprimoramento pessoal e/ou profissional garantidos, bastando se dedicar e estar apto para galgar cada nova etapa. Prova disso é que hoje sou a primeira mulher no Brasil comandante de um helicóptero de resgate na Aviação de Segurança Pública voando o Arcanjo 04, um moderno helicóptero biturbina configurado para missões aeromédicas (Helibras H-145M) e capaz de salvar muitas vidas. Enquanto eu puder cumprir a missão, estarei voando para salvar sempre que for necessário".



Na Polícia Civil de Minas Gerais, o seu braço alado é denominado Núcleo de Operações Aéreas (NOA), mais conhecido pelo código de chamada "Carcará". Para a policial civil Janaína Leite Moreira, de 37 anos, piloto comandante de aeronave no NOA, tornar-se uma aviadora foi uma questão de oportunidade: " ... eu ainda estava na faculdade de Matemática quando passei por uma banca de revistas e vi, em um jornal, que as inscrições para soldado da Polícia Militar de Minas Gerais estavam abertas. Na época, era apenas uma estudante e decidi então entrar para o serviço público, onde obteria um salário razoável e certa estabilidade. Fiquei na Polícia Militar por seis anos. Em meados de 2006 foram abertas as inscrições para o concurso de agente da Polícia Civil. Fiz as provas, fui aprovada e ingressei nos seus quadros em 2007".

A vontade de voar acompanhava a policial civil desde os tempos de criança, mas o mundo da aviação foi algo distante até muito recentemente, segundo ela mesma contou: "... a primeira vez que conheci,

de fato, um helicóptero, foi na minha primeira aula prática de voo. Em 2010 comecei a estudar as matérias para a banca da ANAC de PPH pela internet. Passei na prova, fiz minhas horas de voo em Curitiba (PR), sofrendo com o deslocamento contínuo e os gastos durante a formação. Quanto estava checando o PCH, no início de 2012, surgiu uma oportunidade, através de um recrutamento interno, para uma possível lotação na Coordenação de Apoio Aéreo. Fui selecionada, e desde abril de 2013 componho a equipe do atual Núcleo de Operações Aéreas".

E Janaína garante que o peso da responsabilidade não se tornou um obstáculo, muito pelo

Via NOA PCMG



MINAS GERAIS: POLÍCIA CIVIL
Janaína Leite Moreira

contrário: "... a aviação é uma área especializada, bastante criteriosa, que exige um aperfeiçoamento contínuo e cada vez maiores qualificações de seus profissionais. Aqui sempre fui tratada de forma isonômica. Isso se deve também à qualidade da equipe que integra o NOA. Entretanto, sempre me cobrei muito e me sentia na obrigação de ser uma profissional séria, sobretudo porque sou uma das poucas mulheres no segmento de aviação policial civil. Me sinto privilegiada porque atuo diretamente com o que sonhava desde criança, voar, e o tipo de serviço que nós prestamos à sociedade e as experiências profissionais adquiridas, muitas vezes em missões de alto risco, exigem esse comportamento focado e extremamente técnico. Voar para dar apoio, para

prestar segurança pública em suas mais diversas áreas e locais, é algo que chega a ser poético. É o que me mantém apaixonada pelo meu serviço, afinal, com dedicação e qualificação a mulher chega em qualquer lugar que almejar. Hoje vemos isso em diversas áreas profissionais, as mulheres ocupando cargos importantes em carreiras que antigamente eram exclusivamente masculinas”.



Na Polícia Militar da Bahia, o Grupoamento Aéreo, ou GRAER, as capitães PM Danusa de Oliveira, de 34 anos, e Maíra Galindo, de 33 anos, assumiram a função de comandantes de operações aéreas em março último. É a primeira vez que mulheres ocupam o comando dos helicópteros naquela unidade. Para tanto, além de provas teóricas, elas foram submetidas a exames físicos, psicológicos e específicos. Após serem aprovadas na seleção, que teve a participação de homens e mulheres, as duas se dedicaram exclusivamente a um treinamento de um ano e meio em Belo Horizonte (MG) com mais quatro oficiais, na EFAI Escola de Pilotagem, em parceria com o Batalhão de Radiopatrulhamento Aéreo mineiro, repetindo

a mesma fórmula empregada na formação dos quadros iniciais do GRAER com grande sucesso. Denise e Maíra são as primeiras mulheres piloto de helicóptero não só da Polícia Militar, como também de toda a Bahia.

Como todas as pioneiras, tiveram de vencer diversos obstáculos pelo caminho. Conforme a capitã Danusa, que tem 15 anos de serviço, “... voar é uma atividade desafiadora, requer atenção e bem estar físico e psicológico, independentemente do sexo. Mas, antes de ser militar, sou uma mulher que almeja desempenhar a atividade com êxito e crescer ainda mais na profissão”. Para a capitã Maíra, tanto empenho implica, ainda, adiar sonhos como o de ser mãe: “... na atividade de piloto policial, há uma demanda forte do corpo. Assim que engravida, a mulher passa a realizar serviços internos. Podemos deixar os filhos para mais tarde”. A fala das capitães apenas reforçam dados que mostram um crescimento muito grande de mulheres no recrutamento e seleção de novos praças. Hoje, elas são 13% do total, mas enquanto em 2013 apenas 22 mulheres entraram na Polícia Militar baiana, em 2014, o número saltou para 249.

BAHIA:
CAPITÃES PM
Danusa de Oliveira
e Maíra Galindo

Via GRAER PMBA

